

## A persistência da memória: *Em nome da terra*, de Vergílio Ferreira.

Doutoranda Erika Luiza Piza Netto<sup>i</sup> (UNICAMP)

### Resumo:

*Nosso propósito é analisar na obra Em nome da terra, narrativa de Vergílio Ferreira, os aspectos filosóficos pertinentes à destruição da experiência e ao início da história, segundo a leitura do livro Infância e história: destruição da experiência e origem da história, de Giorgio Agamben. O enfoque consiste em verificar se a personagem protagonista, no percurso de sua vida, conseguiu transcender as experiências passadas. Para tanto, também se faz necessário analisar a memória do narrador e protagonista, quer dizer, investigar a persistência da memória deste e as implicações desta persistência concernente ao presente vivenciado por ele próprio. Dessa forma, o intuito é avaliar as resultantes da persistência da memória do narrador vergiliano para averiguar as “reais” condições existenciais deste em um determinado tempo presente.*

**Palavras-chave:** destruição da experiência; história; persistência da memória.

### Introdução

Pensar em Vergílio Ferreira no início deste século é uma tarefa que nos impõe algumas interrogações referentes à recepção contemporânea de sua obra. Ao constatar o caráter filosófico desta, nos deparamos com a seguinte dúvida: a quem poderia interessar nos dias atuais a leitura de uma obra enigmática porque constituída por uma linguagem simbólica, cuja origem se encontra na história e na memória do Autor e que não propõe nenhuma “mensagem” imediata a seu leitor? Para compreendermos, devemos começar por uma rápida visita à vida do Autor.

Os três primeiros romances escritos e publicados por Vergílio Ferreira, *O caminho fica longe*, *Onde tudo foi morrendo* e *Vagão “J”*, apresentam um tom neo-realista que revela o conturbado momento sócio-histórico da época, vivenciado pelo Autor. Contudo, podemos perceber nestes três primeiros livros que a matéria romanesca usada pelo escritor não é de cunho estritamente sócio-político e ideológico, pois interessa também ao Autor desenvolver uma matéria narrativa que desenvolva aspectos pertinentes à condição existencial do ser humano. Assim, Vergílio Ferreira estrutura suas obras ficcionais até o romance *Cântico final*.

A partir do romance *Aparição* percebemos quase que uma guinada em sua obra, porque a partir deste o que mais interessa a ele é pensar a condição do homem enquanto um ser social em sua complexidade existencial. Assim, é substancial refletir sobre o humano e as implicações resultantes do fato de que é um SER histórico e de linguagem, por isso a necessidade em meditar sobre aspectos comumente intraduzíveis da esfera do humano, a saber: a capacidade de expressão, a constituição de possíveis sentidos atribuídos à existência, o silêncio, a incomunicabilidade, a memória, a imaginação, a morte, a sobrevivência do sujeito inserido no século XX perante a si mesmo.

Nessas breves considerações, nosso intuito é procurar compreender a relação do Homem — personagem desenvolvida por Vergílio Ferreira — consigo mesmo a partir de considerações tecidas sobre a memória e a persistência desta a partir da leitura do livro de Giorgio Agamben, *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Partindo da leitura do livro *Em nome da terra*, de Vergílio Ferreira, procuramos demonstrar uma interpretação sustentada no conceito de Agamben de destruição da experiência e as resultantes dessa possível “destruição” no que se refere à persistência da memória do narrador e personagem.

## 1- Considerações sobre a temática vergiliana: linguagem e memória

Para tecermos algumas considerações sobre o romance de Vergílio Ferreira, *Em nome da terra* é interessante frisar o que interessa ao Autor naquilo que diz respeito ao assunto abordado em suas obras, a saber, discorrer sobre o homem na intimidade de suas interrogações pertinentes à condição humana. Observemos o que diz o Prof. José Rodrigues de Paiva.

[...] pensar o Homem e o mundo em que lhe dado viver. Pensá-lo na intensidade emocionada da sua tragédia ou na plenitude da sua alegria. [...]. Um romance em que isso fosse possível, não seria, decerto, a crônica das misérias materiais do homem, das imediatas necessidades de sua sobrevivência. Também não seria o romance do nivelamento coletivo horizontal, em que tudo (e todos) se torna igual ou semelhante pela igualdade ou semelhança dos que compõem a classe social posta em destaque. O romance a que Vergílio Ferreira interessa criar teria forçosamente que “pinçar” o Homem do meio dessa coletividade humana, pô-lo em destaque, isolando-o, “construí-lo” como personagem, acompanhar a complexificação desse processo até ao mais absoluto conhecimento dessa solidão, dessa emoção, dessa relação intensa do Homem colocado frente a frente consigo mesmo e com os outros, com o Cosmos ou com o Nada. (PAIVA, 2006. p. 24)

Dessa forma, nosso intuito é procurar compreender a relação do Homem, personagem desenvolvida por Vergílio Ferreira, com seu estar no mundo a partir de considerações tecidas sobre a memória, o imaginário e a persistência da memória; termos que serão embasados nos conceitos de infância e de experiência do sujeito a partir da abordagem do livro de Giorgio Agamben, *Infância e história*: destruição da experiência e origem da história.

No livro *Em nome da terra*, o narrador é o juiz aposentado João Vieira que dialoga com suas memórias, algumas mais recentes, outras nem tanto e outras ainda pertencentes a um passado remoto, com essas memórias ele escreve uma carta à sua já falecida mulher, Mônica. É interessante notar que esse diálogo com intuito de escrita não é um aspecto único do referido livro; nos romances anteriores essa construção, isto é, os diálogos dos narradores com suas memórias e resultando disso a produção de uma escrita, é uma constante.

Tal fato, a saber, a construção estrutural dos romances, deve ser pensada enquanto um comprometimento do Autor com o ato de escrever, com a própria tessitura da ficção, que poderá significar um possível sentido para a existência. Assim, criando a partir de personagens um modo de ser ou de existir, Vergílio desenvolve uma introspecção sustentada na palavra que não mais significa, daí brota o esvaziamento do Ego de quem escreve. Se a palavra não mais significa, então, resta ao autor contemporâneo pensar a construção de um modo de organizar o discurso, o dizer. Assim, diz o narrador João Vieira:

Eu digo o teu mistério e tudo fica por dizer porque o aniquilei com o dizer. A tua pessoa, a transfiguração de ti em minha memória incerta. Reconheço-te, não te sei dizer, que é que de mim reconheces para um encontro plausível? (FERREIRA, 2004, p. 292)

Percebemos a consideração do narrador quanto à palavra, isto é, a palavra que não diz nada e a atribuição de algum sentido para a memória “incerta”. Essa incerteza implica ser a memória imaginada. Por isso, entendemos que a tessitura da ficção é fundamental para aquele que escreve, porque é nela que se pode encontrar a possibilidade de um sentido para a existência, é o caso de João Vieira, narrador e protagonista de *Em nome da terra*. Assim, cumprindo o Autor a feitura do ser ou do existir dos personagens, mesmo que sendo estes possíveis alter egos, o Ego do Autor se torna esvaziado e o sentido passa a estar na construção da existência de outro eu configurado por quem produz o texto.

Vale observar que o autor cria esses diálogos — dos narradores, no momento presente em que obra é narrada com as memórias dos personagens, eles próprios agora narradores, em momentos passados dos quais as experiências são rememoradas — a partir da necessidade de se examinar o passado, portanto, a infância dos narradores e outrora personagens. Entretanto, ressaltamos que essas personagens talvez não passem de sombras do próprio autor, como aponta Eduardo Lourenço: “o romance de Vergílio Ferreira é já, na sua mera aparência, uma encenação voluntária e assumida de fantasmização, de projecção, sendo como é estruturalmente **autobiográfico**” (LOURENÇO, 1994, p. 98; grifo do autor). O eu de Vergílio Ferreira projetado nos romances é um eu interrogado em sua interioridade por estar no mundo.

Interrogar sobre o estar no mundo é o que resta ao narrador João Vieira que, já acometido pelas insuficiências do corpo, elege o lembrar enquanto um possível sentido para ainda estar vivo. Depois de ter uma perna amputada e ir morar num lar para desvalidos, o narrador sente o peso de ser humano. Observemos as palavras de João Vieira:

Quero é aproveitar o tempo, eu que estou em mim para estar todo no que te digo. Uma vontade absoluta de te amar, que o absoluto é a medida humana, é assim. Atravessei o horror e a humilhação. Atravessei a miséria e o que nela apodreceu do meu corpo terrestre. Lembro-te, penso-me. Está uma noite quente, deve ser o fim do verão. Lembro-te agora intensamente e a tua perfeição está no fim do meu lembrar. Esta-se lá bem, no lembrar. (FERREIRA, 2004, p. 291)

Na lembrança do narrador, no fragmento acima, está Mônica, sua mulher que nesse momento já não vive. Como já dito anteriormente, ele dialoga consigo mesmo por meio dos sentidos atribuídos à sua memória, além desse diálogo, entretece também um discurso dirigido à Mônica, como se realmente estivesse falando com ela. No entanto, uma frase, proferida outrora por ela, se apresenta recorrente na memória de João, narrador: “— Sabes uma coisa, João? Nunca te gramei.” (FERREIRA, 1990, p. 187). O sentido dessa frase pode ser conferido pelo próprio João que, não demonstra interesse em fazê-lo, mas, quase como um apelo, a frase torna a se apresentar em meio ao fio discursivo tecido pela memória do narrador, um apelo inerente à memória, um pedido para ser pensada. Assim, a persistência dessa memória implica o desdobramento de possíveis sentidos que serão atribuídos à existência.

Esses desdobramentos de sentidos nos remetem ao conceito de *mímesis da produção* proposto por Luiz Costa Lima, no livro *Mímesis e modernidade*. Apresentado em oposição ao conceito de *mímesis da representação*, Costa Lima diz que “o ato mimético já não pode ser interpretado como o correlato a uma visão anteriormente estabelecida da realidade” (COSTA LIMA, 1980, p. 169). Assim, como o real anterior ou o passado é irrecuperável, é próprio da *mímesis da produção* “provocar o alargamento do real a partir de seu *defict* anterior” (*ib.*, *ibid.*, 170).

Então, quanto mais o que estiver flutuante na memória do narrador, a saber, o próprio passado enviesado pelo esquecimento,

mais a palavra se dobra e, nas dobras da palavra, alarga-se a memória que, sob a sombra do olvido, avança e cinge livremente o real (sem controle do imaginário). Esse real, entretanto, não surge mais tal e qual passado, mas filtrado pela consciência crítica do poeta, que garante certo distanciamento do mundo e se instaura no poema quando a memória, nos limites do esquecimento, aflora e inventa. (ANDRADE, 2003, p. 60)

Seguindo o caminho indicado por Abrahão Costa Andrade, no texto “Mímesis e esquecimento”, em que analisa *Poema sujo*, de Ferreira Gullar, consideremos o processo de alargamento de sentidos pela memória a partir do esquecimento e das “dobras da palavra” no romance vergiliano *Em nome da terra*.

Encostada à parede há uma cadeira com um montão de roupa preta. Toco na roupa como vi fazer à Antônia, e logo salta uma cara de velha a cantar ave, ave. Depois volta a mergulhar no amontoado de panos negros e aí desaparece. Tem mais de cem anos, já se não sabe a quem pertence. Está para ali, pertence ao mobiliário da casa (FERREIRA, 2004, p. 253-4).

Aqui temos a alegoria da memória que se configura a partir do processo indicado acima: a memória do narrador se alarga criando uma alegoria da memória, a saber, a memória enquanto uma cara de velha que surge de um amontoado de roupas pretas. A cor negra sugere a profundidade, a escuridão e as lacunas do esquecimento de uma memória que guarda coisas já antigas; portanto, de uma memória velha.

Quando o narrador, ao relembrar o nascimento de sua primeira filha, Márcia, estabelece a relação da memória com seu momento presente, temos também, neste caso, um alargamento de sentido pelas dobras da palavra implicada pelo alargamento da memória: “Foi a primeira e era uma menina, tive. E amo-a ainda, não bem talvez a ela mas à memória dela que ficou e é onde tudo acontece para nos pertencer, mesmo o meu amor por ti, querida” (FERREIRA, 2004, p. 187). Ou então, quando o narrador apresenta consciência desse processo, ao falar da imaginação: “Na velhice já todo o real se esgotou, o que fica dele é a imaginação ou um divagar sem consciência, farrapos soltos à deriva” (FERREIRA, 2004, p. 213)

Mesmo ainda quando, sob a sombra do esquecimento, João Vieira declara sua consciência crítica a respeito do nomear: “deve haver uma palavra sagrada para tudo, a questão é saber onde é que está. Mesmo o que é chato ou feio ou podre, se a gente souber a palavra certa deve ficar belo à mesma. (FERREIRA, 2004, p. 133). Assim, “o esquecimento seria a própria estratégia da *mimesis*” (ANDRADE, 2003, p. 59) e, assumido positivamente, revela o percurso pelo imaginário que resta ao narrador/escritor. Dessa forma, passa a ter o esquecimento uma importância capital para a criação ficcional de Vergílio Ferreira.

Assim, os narradores vergilianos inventam a realidade pela palavra que advém da imaginação. No romance *Para Sempre*, a persistência da memória também se faz presente com a última fala da mãe, em seu leito de morte, ao filho Paulinho. À pergunta que não cala, “— Tu sabes o que foi que ela disse?”, não há como responder com a nítida certeza; resta-lhe, assim, o pensar, sustentado pelo imaginário, sobre as possibilidades de respostas. Esse pensar é o fio que vai conduzir toda a obra vergiliana. A repetição da pergunta em todo o romance corrobora a idéia de que a memória é também reconstrução, pois o homem tem a necessidade de atribuir sentido, mesmo ao que não tem sentido algum. Esse percurso de atribuição de sentido se materializa pelo imaginário.

A relação do narrador com seu passado, isto é, com sua infância, se caracteriza a partir do ato de pensar, do vislumbrar os instantes impregnados de passado e aos quais estão atreladas as possíveis compreensões desse passado. Em *Para sempre* o narrador entrelaça seu pensamento com o do menino Paulinho, que ainda não estava impregnado pelo ato de pensar a vida, nem pela criação de possíveis sentidos para a existência. Essa preocupação não é do menino, mas do homem, Paulo narrador, ocupado em tecer possibilidades de sentido para a existência.

No livro *Em nome da terra*, a relação do narrador com seu passado, com sua infância também se viabiliza a partir do ato de pensar, do mesmo modo, do meditar as possibilidades interpretativas de sentidos do passado; neste caso, o narrador procura entretecer as circunstâncias vivenciadas por ele outrora àquilo que poderia ter acontecido, pensar na possibilidade de que os acontecimentos poderiam ter tomado outras perspectivas, por exemplo, quando o narrador diz: “Olhei muito a porta, a ver se a minha mãe entrava. Mas ela não apareceu e então pensei que talvez estivesse morta.” (FERREIRA, 2004, p. 276) O leitor não tem nenhum indício de que a mãe do narrador já não vive, porque este é o único momento em que ele fala da mãe; dessa forma, cabe ao leitor a apreensão da morte dessa mãe. Caso ela não estivesse morta, então, poderia visitá-lo.

No excerto que segue abaixo, podemos observar como se constrói a relação do narrador com o passado. Notemos a configuração da metáfora “chover na memória”, que constitui um alargamento de significado de uma memória que não é mera lembrança, mas invenção ou reinvenção do passado, a partir de uma memória plena de possibilidades a serem reinterpretadas.

Mas de repente começa-me a chover na memória. Não me perguntes porquê — chove. E como é que ainda não choveu desde que te escrevo? Cai no pátio, a chuva, os pombos devem estar a olhá-la com a minha melancolia. Mesmo o Teo, parece-me, fica um instante separado de si, a olhar e a ouvir.[...] E sabes uma coisa? é dos nossos três filhos o que eu, bom, ia a dizer amo mais, mas não é bem assim. O que admiro mais, porque admirar é abrir uma certa distanciação. [...]

— Ouve. Era imbecil querer doutrinar-te. Doutrinar é estar acima e quem está em cima és tu. Mas os grandes problemas não são de ninguém. Tu hás-de ter-te perguntado para quê. Para quê o viver, o ter feito o que fiz. É uma coisa que nos obceca. Para quê. Porquê. (FERREIRA, 2004. p. 273-4)

A expressão “chover na memória” sugere uma memória a ser cultivada pela invenção ou reinvenção do imaginário. Memória como a terra que deve ser cultivada pela chuva a qual simboliza que “da alma provêm certas energias cuja finalidade é dar vida ao corpo” (BIEDERMANN, 1993, p. 92). Portanto, resta ainda ao narrador alguma energia vital, que metaforicamente regada pela simbólica chuva, proporcionará a ele a interpretação ou reinvenção de sua memória pelo imaginário.

## **2- Considerações sobre o conceito de destruição da experiência**

No caso do romance *Em nome da terra*, nos interessa pensar a recorrência da memória referente ao que o filósofo Giorgio Agamben chama de infância e destruição da experiência.

Em *Infância e História*: destruição da experiência e origem da história, o filósofo argumenta ser a infância o lugar em que se dá a experiência pura e transcendental: “Como infância do homem, a experiência é a simples diferença entre humano e lingüístico. Que o homem não seja sempre já falante, que ele tenha sido e seja ainda in-fante, isto é a experiência.” (AGAMBEN, 2005, p. 62). Com relação ao livro *Em nome da terra*, entendamos infância enquanto o passado remoto pleno de experiências lingüísticas que constituem a origem da história do narrador; sendo a história a organização do discurso adquirido a partir dessas experiências. Assim, João busca relembrar a origem das experiências vivenciadas durante sua vida. Esse relembrar só será possível a partir de uma indagação do narrador que se configura em reinvenção ou recriação dos momentos em que as experiências partilháveis ainda não foram destruídas pela lógica da organização do discurso que constitui a história. Isso é tudo o que lhe resta: recriar os possíveis sentidos da existência. Ainda sobre este aspecto, Agamben afirma:

**O inefável é, na realidade, infância.** A experiência é o *mystérion* que todo homem institui pelo fato de ter uma infância. Este mistério não é um juramento de silêncio e de inefabilidade mística; é, ao contrário, o voto que empenha o homem com a palavra e a verdade. Assim como a infância destina a linguagem à verdade, também a linguagem constitui a verdade como destino da experiência. A verdade não é, por isso, algo que possa ser definido no interior da linguagem, mas nem mesmo fora dela, como um estado de fato ou como uma “adequação” entre este e a linguagem: infância, verdade e linguagem limitam-se e constituem-se um ao outro em uma relação original e histórico-transcendental [...] (AGAMBEN, 2005, p. 63; grifo do autor).

O fato de o narrador rememorar suas experiências, buscando compreendê-las a esta altura da vida, não significa exatamente que ele procure a verdade referente ao seu próprio passado. O que lhe interessa é a memória que ele tem do passado. Não é demais lembrar que essa memória revisitada é banhada pela imaginação, quer dizer, pelo imaginário que, no momento presente, são

possibilidades interpretativas que o narrador projeta sobre o passado. Podemos deduzir daí que a memória é também construção, já que não tem existência própria, porque se submete a linguagem. Assim, a existência da memória dependerá da arquitetura daquilo que chamamos real projetado sobre as circunstâncias vivenciadas pelo narrador. Disso resulta ser a verdade do passado, da infância uma verdade sustentada pela linguagem do homem que já transcendeu historicamente a infância, quer dizer, do homem que já foi, porém, não é mais in-fante, tem uma história.

Portanto, a memória do narrador, no ato presente de rememorar o passado, está expropriada de experiência, porque já não há mais experiências compartilháveis a esse sujeito desvalido. A partir destas considerações, notemos o que diz Agamben a respeito da expropriação da experiência em Baudelaire

[...] numa condição em que o homem foi expropriado da experiência, a criação de um tal ‘lugar comum’ só é possível mediante uma destruição da experiência, que, no exato momento em que infringe a sua autoridade, revela de chofre que esta destruição é, na realidade, a nova morada do homem. O estranhamento, que retira dos objetos mais comuns a sua experimentabilidade, torna-se assim o procedimento exemplar de um projeto poético que visa fazer do Inexperienciável o novo ‘lugar comum’, a nova experiência da humanidade. Provérbios do inexperienciável são, nesse sentido, as Fleurs du mal [Flores do mal]. (AGAMBEN, 2005, p. 52)

Em Vergílio Ferreira, o procedimento estético da *mimesis da produção* e a utilização do fluxo da consciência é o que, de certa forma, sustenta essa expropriação da experiência do narrador, porque inserido em um espaço onde já não há mais o que possa ser compartilhado com outros. Essa ausência de possíveis configurações de experiências acaba por se tornar, paradoxalmente, uma presença constante a partir da qual o homem, configurado pelo narrador, desvenda forçosamente um sentido para a existência, não por querer criar algum sentido, mas porque não há opção, a vida ainda resta. Dessa forma, o narrador vergiliano entretece a esta nova fase da vida o inexperienciável. Observemos no excerto abaixo do romance *Em nome da terra*, um momento em que o narrador observa um quadro de Dürer e, em sua imaginação, analisa-o como se falasse à Mônica.

A um lado no meu quarto, eu pedira-o a Márcia — ao outro está a deusa da Primavera de Pompéia —, é um desenho macabro que me fez quase sorrir. É de Dürer, minha querida, a Morte coroada e a cavalo. Não, não é o Cavaleiro e a Morte gravados a aço de segurança e nitidez. É um desenho anterior — **memento mei** diz ele a nossa possível distração —, mas não o fico a lembrar mais. É um esqueleto curvado com a sua gadanha ceifeira sobre um cavalo esquelético com um chocalho. E tudo um pouco esfumado de náusea e vaguidão. Devia ouvir o chocalho e o seu aviso de pavor, ouvir o chocalho dos ossos do esqueleto e do cavalo. Está parado, o cavalo, tem uma pata no ar mas não se move para termos tempo de o ver bem. Um pouco sorrio para dentro, um esqueleto, minha querida, é a figuração mais ridícula da morte, foi talvez por isso que o pus aqui dentro. Para tratar a morte por tu, um esqueleto é tão engraçado. Mete medo às crianças. Tão cômico naquela geringonça articulada da ossaria. Mete medo ao infantilismo de nós naquela engenharia de mecano, a morte está antes ou para lá disso tudo — e que estais vós tocando? (FERREIRA, 2004, p. 220; grifo do autor.).

Consideremos que na ausência de experiência, o narrador chega até mesmo a ouvir o chocalho dos ossos do esqueleto — alegoria da morte —. E o sentido dessa expropriação da experiência pode ser lido como “a criação de um tal ‘lugar comum’” a que se refere Agamben na citação acima, a saber: lugar comum enquanto a necessidade de se incorporar a morte na vida. Aliás, incorporar a morte na plenitude da vida, é uma máxima do Autor de Aparição, que se apresenta em outros romances vergilianos.

Neste excerto, o narrador oferece à audição de sua suposta interlocutora, Mônica, o chocalhar do esqueleto, aí mais uma vez temos o alargamento da memória do narrador e dos possíveis sentidos implicados pela linguagem nesta memória, sustentados pelo imaginário.

Segundo Agamben, “A linguagem é organizada de modo a permitir a cada locutor apropriar-se da inteira língua designando-se como *eu*” (AGAMBEN, 2005. p. 56). Ainda segundo Agamben, a filosofia moderna, baseia-se numa troca do sujeito transcendental pelo sujeito lingüístico: “O sujeito transcendental não é outro senão o ‘locutor’, e o pensamento moderno erigiu-se sobre esta assunção não declarada do sujeito da linguagem como fundamento da experiência e do conhecimento” (AGAMBEN, 2005. p. 57). Portanto, cabe ressaltar que as concepções de Vergílio Ferreira — filosófica ou ideológica e estruturante de suas obras — são embasadas no fato, ou melhor, no valor de ser o homem um ser de linguagem. Vale lembrar que essas concepções serão validadas a partir de considerações sócio-históricas das quais elas emergiram.

No que se refere à persistência da memória do narrador, observemos a recorrência da fala de Mônica a João, já apontada anteriormente: “— Sabes uma coisa, João? Nunca te gramei” (FERREIRA, 2004. p. 187). A necessidade de se atribuir algum sentido a tal frase corrobora a idéia de que a memória é construção, dado o conteúdo interpretativo que deva estar associado à frase. Essa necessidade também se relaciona à identidade humana de recriar novos sentidos para a existência. Portanto, reinventar novos “lugares comuns” à vida, originários do inexperienciável, não é opção do narrador/sujeito inserido num mundo onde já não há mais experiências compartilháveis; restam a ele a memória e o imaginário que, juntos configuram um modo de existir em determinado meio desprovido de sentido. Desse modo, a persistência da memória não exerce aqui um mero papel representativo, sua função é a da apresentação de possibilidades de existência, quando já não se encontra a razão para tanto.

## **Conclusão**

Pensar Vergílio Ferreira a partir de uma apreciação do romance *Em nome da terra* sustentada em leitura de Agamben acreditamos que seja uma proposta pertinente aos estudos literários contemporâneos, pois, o interesse em compreender o Autor português a partir de considerações filosóficas referentes à linguagem e à memória, parece-nos de interesse comum aos estudos das humanidades hoje. Nesse sentido, procuramos demonstrar como se configura a memória e a imaginação do narrador vergiliano inserido em um mundo onde a experiência já foi expropriada do sujeito, restando apenas o parco cotidiano para que dele seja tecida a imaginação do homem.

Para finalizar essas breves considerações sobre Vergílio Ferreira, gostaríamos de lembrar aqui, com intuito de aproximação apenas, as palavras finais do livro *Em nome da terra*: “— Eu te baptizo em nome da Terra, dos astros e da perfeição. (FERREIRA, 2004, p. 295), e as palavras finais do livro *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa: “Existe é homem humano. Travessia” (ROSA, 1986, p. 465).

Homem humano batizado em nome tão humana Terra; enfim, homem constituído pela linguagem e fadado ao abismo proporcionado por ela.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Trad.: Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- [2] ANDRADE, Abrahão Costa. “Mímesis e esquecimento”. In: \_\_\_\_\_. **Angústia da concisão**: ensaios de filosofia e crítica literária. São Paulo: Escrituras Editora, 2003. p. 47-63.
- [3] BIEDERMANN, Hans. **Dicionário ilustrado de símbolos**. Trad.: Glória Paschoal de Camargo. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1993.
- [4] COSTA LIMA, Luiz. **Mímesis e modernidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

- [5] FERREIRA, Vergílio. **Em nome da terra**. 9.ed. Lisboa: Bertrand editora, 2004.
- [6] LOURENÇO, Eduardo. **O canto do signo**: existência e literatura. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- [7] PAIVA, José Rodrigues de. **O lugar de Vergílio Ferreira na literatura portuguesa do século XX**. Recife: Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, 2006.

---

## **Autora**

<sup>i</sup> **Erika Luiza Piza NETTO, Doutoranda.**  
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).  
Instituto de Estudos da Linguagem (IEL).  
erikaluiza@terra.com.br